

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical
[Boletim Informativo nº 114, julho 2016, Editorial]

Saúde do trabalhador e a ordem da indiferença

Não é só o consumismo, o individualismo e o narcisismo dos *selfies* que dominam, atualmente, nossas vidas. Somos prisioneiros do fetiche. Feitiço e fictício são irmãos dessa palavra mágica: fetiche; fetichismo, que nos deixa a quase todos embevecidos e maravilhados, até que descobrimos que fomos ludibriados, capturados e, na maioria das vezes, transformados em consumistas solitários de nós mesmos. Esse fetichismo moderno, se não bastasse por si, de nos capturar para o consumo, exacerbar nossa individualidade e nos tornar narcísicos - adoradores de nós mesmos -, está criando uma nova ordem social: a ordem da indiferença. Já não nos indignamos, a maioria de nós, com a pequena injustiça cotidiana, com a miséria na porta da nossa casa, com a violência sutil do dia-a-dia, com o preconceito embutido no olhar, com a corrupção miúda que cometemos, porque a grande, essa já não assombra a muitos, com o assédio que mora ao lado, com o desrespeito ao outro na fila do supermercado, com o vai e vem de um mundo indelicado e deseducado. Nossa indignação, se há, dura apenas os segundos ou minutos da leitura do jornal, da notícia na TV ou da desgraça que viraliza na internet para cair no esquecimento em horas ou dias. A rigor, a sociedade de hoje está pouco se lixando para as relações sociais que têm como lógica a Lei de Gérson. Ao contrário, somos quase todos adeptos dessa Lei.

*“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de
hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem
sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade
consciente, de humanidade desumanizada, nada deve
parecer natural nada deve ser impossível de mudar”*

Bertolt Brecht

Faça um exercício: ande algumas horas pelas ruas da cidade e observe como funciona a ordem da indiferença. Dirija seu carro e leve a primeira fechada, entre no banco ou no supermercado e observe a fila, olhe as calçadas da cidade, vá a uma farmácia, a um açougue, padaria, entre numa sala de aula qualquer onde têm crianças ou mesmo adultos e observe o que lá se passa. Olhe para qualquer lado e pense se não estamos vivendo um filme de ficção futurista desses que anunciam o caos, que nos tornam robôs - insensíveis e insensatos -. Feito esse exercício... olhe para o trabalho, qualquer trabalho. É lá que reside o maior exemplo da ordem da indiferença. No trabalho é onde essa nova ordem mata. É lá que os trabalhadores são assassinados, seja a curto, a médio ou a longo prazo. Pois, qual a diferença entre matar e deixar morrer? A opressão no trabalho, que sempre existiu, hoje está salvaguardada pela indiferença. Falar em saúde do trabalhador nesse contexto é quase uma blasfêmia. Manchete de ontem: *“A crise não atinge o mercado de produtos de luxo, que continua crescendo...”*. Acima, Bertolt Brecht nos conclama a um posicionamento de mudança, pois *nada deve parecer impossível de mudar*. Se o nosso caso é a luta pela saúde do trabalhador, então vamos mudar, isto é, desde que nós acreditemos que nada é impossível de mudar. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.